DISCURSO PROFERIDO PELO **SENHOR VEREADOR MOISÉS ROCHA** NA SESSÃO ORDINÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR DO DIA 19 DE FEVEREIRO DE 2019 – **PINGA-FOGO**

Senhor presidente e demais componentes da Mesa, nosso boa tarde. Boa tarde aos vereadores e vereadoras, companheiros e companheiras que nos acompanham das galerias, profissionais de imprensa.

Sr. presidente, veja só como futebol é fantástico, ouviu, Sr. presidente Geraldo Júnior? O vereador Teo Senna estava ali no canto, meio triste, meio briguento, meio determinado a fazer um tensionamento, o que é interessante, pois esta Casa é para isso. Mas falou do time do coração dele, aliviou todas as mágoas, todas as dores, está tão sorridente, tão feliz. Teo, pode ter certeza de que a sua alegria traz alegria para a gente também. Não tenha dúvidas disso. Nós não somos daqueles que ficamos na inveja, nós acreditamos que também poderemos chegar nesse caminho, apesar de estar mais difícil a partir de agora. Então, curto a sua alegria, a sua felicidade.

Agora, Teo, eu quero dizer que essa Bahia, e aí, presidente Geraldo Júnior, eu quero agradecer a V. Exa., aos vereadores Paulo Magalhães, Kiki Bispo, Edvaldo Brito, que, ontem, estiveram na reunião da Comissão de Reparação para poder endossar e deixar explícito que estão imbuídos e determinados a fazer com que esta Casa, de fato, possa estar aprovando, Ireuda, minha querida amiga, o Estatuto da Igualdade Racial. E sabe por

que, Teo, eu estou te falando isso? Porque, apesar de João Marcelo ter jogado no Bahia, ter jogado no Vitória, quando o Vitória foi vice-campeão brasileiro, enfrentando aquele Palmeiras gigante da Parmalat, esse grande jogador, João Marcelo, um negro de bela estampa, um negro com porte, Sílvio, que onde chega impõe respeito, esse mesmo jogador, dentro do *Shopping* Barra, foi vítima de racismo. Esse mesmo jogador importante estava com sua esposa dentro do *Shopping* Barra e teve o segurança o acompanhando, colado no corpo dele por onde ele andava, para deixar explícito como essa cidade não respeita nem aqueles que trouxeram títulos e que trouxeram glórias para o futebol baiano. Absurdo. É por isso, vereador Sílvio Humberto, que eu não entendo quando alguns ainda vêm para gente para dizer assim: não, mas a raça é humana. Nós sabemos disso. A raça é humana, a raça é humana. Foi a raça humana que veio nos porões dos navios, foi a raça humana que foi proibida de estudar porque era portadora de moléstia grave. Foi proibida de votar e ser votada. Nessa hora, não era a raça humana, eram os negros. Eram os negros.

E é por isso que eu tenho plena convicção de que esta Casa vai ter um despertar para entender que o que garante os direitos da raça humana é a Constituição Federal. Mas tem um troço de um cara lá, dos Estados Unidos, um presidente branco, americano, chamado *Lyndon Johnson*, que, na década de 60, pautado pelos movimentos dos direitos civis, ele disse: não basta estar na Constituição que todos são iguais perante a lei, faz-se

necessário criar-se mecanismos, criar-se leis que possam fazer com que, de fato, isso aconteça.

Por isso que lá, há muito tempo, começou a política de ações afirmativas, por isso que lá, há muito tempo, essa discussão avançou e a população negra norte-americana chegou em um patamar mais avançado do que o nosso. Porque não foi o Brasil que, depois que os negros foram libertos, deu 40 alqueires de terra, professor Edvaldo Brito, meu Dr. Odiosvaldo, deu mula, deu semente para plantar. Não foi aqui no Brasil, não, foi nos Estados Unidos. Aqui, aqui sabe o que foi que fizeram? A raça é humana, não é, Sílvio? A raça é humana. Então, eles provavelmente trouxeram animais, animais do Japão, do Oriente, animais da Europa para poder trabalhar, porque a raça humana negra, daqui, não teve direito sequer a emprego. Nem emprego teve direito.

Portanto, meus queridos companheiros e companheiras, vamos fazer uma reflexão mais profunda sobre o que, de fato, acontece nesse país, vamos fazer uma reflexão mais profunda sobre quem, de fato, foi vítima do processo de preconceito, de discriminação, de racismo. Vamos fazer uma avaliação mais profunda sobre qual religião, de fato, teve seus templos invadidos. Aliás, qual a religião que, para fazer o seu culto, tinha que pedir licença na Delegacia de Jogos e Costumes até a década de 70, 80? Quem é que ainda tem os seus monumentos apedrejados, pichados ou colocados sal grosso?

Vamos fazer uma reflexão, mas uma reflexão humana, porque na hora dos privilégios, dos privilégios a raça é uma só,

mas na hora das dificuldades, na hora da perseguição, da discriminação, da porrada da polícia, também a raça é uma só, e é a raça que, ao longo dos séculos, vem sofrendo perseguição, retaliação, discriminação.

Então, concordamos, a raça é humana, mas quem precisa entender isso são vocês para poder entender a necessidade de lutarmos por igualdade conjuntamente, porque o problema do racismo não é do negro, é de toda a sociedade, negro, branco, amarelo, índio e precisamos vencê-lo juntos e esta Câmara precisa entender isso.

Obrigado, Sr. presidente.